



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Presença da Igreja

A respeito da promoção dos homens, da assistência às suas necessidades mais urgentes: de pão, habitação, cultura, saúde... — por muito que a Igreja tenha feito ao longo dos séculos, faça nos nossos dias e haja de fazer pelo tempo fora, sempre o essencial da sua missão será «pôr em estado de tensa vigília a consciência dos que mais obrigados estão a seguir os caminhos da Justiça, usando dos mais poderosos estímulos evangélicos», segundo a palavra do Arcebispo de Madrid à XII Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola. E entre todos estes «mais obrigados» o Arcebispo nomeou: «o Estado, os empresários, as instituições públicas, provinciais e municipais, a Organização Sindical (que está obrigada a aperfeiçoar-se a si mesma), e finalmente, todos os espanhóis.»

É que «a Igreja, só por si, não pode cuidar de todos os males da pobreza, pois não dispõe nem dos meios de produção, nem dos instrumentos legais da distribuição da riqueza». E ainda bem que não dispõe. Porque se sim, a fragilidade dos homens que a conduzem e realizam a sua missão salvífica, torná-los-ia ainda mais vulneráveis a muita impureza e não seria pequena a da Igreja chamar a Si a total resolução dos problemas, sobrepondo-se ao papel inalienável de cada homem na construção de um Mundo mais justo — o que importará para cada um o seu indispensável levar da Cruz.

Por outro lado, desencarnada seria a doutrinação que a Igreja deve aos homens sobre os seus fundamentais problemas, se Ela os não vivesse experimentalmente, se a Sua palavra fôsse somente reflexão especulativa e não reflexão sobre a vida. Por isso, ao referir-se à acção da Igreja em favor dos Pobres, o Arcebispo de Madrid afirma que, «a Igreja em tudo aquilo que possa fazer por sua própria conta e com sua plena responsabilidade, deverá pôr-se ao lado dos Pobres, na formação cristã e na educação humana dos seus filhos e na assistência aos seus enfermos».

Fazendo-o, sempre ficará à quem das necessidades. E também este ficar à quem é salutar, porque ajuda a manter a Humildade e a não perder de vista que, «por magnânicos que sejam os nossos sentimentos e propósitos, desta Assembleia apenas poderá safr um programa, ou melhor, uma atitude e um compromisso, que por cada um de nós deverá ser assumido e comunicado a sacerdotes e leigos e que em sucessivas Assembleias há-de ser revisto e revigorado com novas ideias e novas iniciativas, para que o impulso não se esgote, para que o programa e os propósitos não cristalizem».

E para não deixar equívoco sobre a extensão do seu conceito de Igreja, ao falar d'Ela e dos Pobres, o Arcebispo acentua que «não se trata somente da Hierarquia, mas de todo o Povo de Deus, porque todos temos de dar o testemunho que Cristo-pobre deu ao mundo; e os sinais dos tempos não são indiferentes a toda a Igreja».

Segue na SEGUNDA página

Setúbal

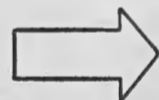
HA bastantes anos que durante a época estival percorro as igrejas das praias do sul do País a pregar o irmão deserdado explicando a presença viva do Senhor Jesus em cada homem. Tem-me sido extraordinariamente consoladora a abertura dos padres encarregados dessas igrejas, que sem rodeios dispõem das suas comunidades na afirmação de que é uma riqueza que vamos oferecer à sua Igreja. Nem sempre isto acontece nas praias vizinhas! A Igreja e o Reino de Deus não se confinam, nem aos nossos interesses, nem à nossa pessoa. São tudo menos isso!

Estava em Lagos, num destes últimos domingos. Fui na véspera para apanhar a missa de sábado. Dormimos, dois rapazes e eu, numa sala, rés-do-chão dum amigo que nos abre sempre a alma toda. Pelas quatro horas e meia da manhã, fomos alertados pelas gargalhadas estridentes e vazias de um numeroso grupo de jovens, rapazes e raparigas que continuavam àquela hora da manhã, o culto à vacuidade. De tal forma me soavam a vazio e me davam uma sensação infinita de deserto que não resisti à tentação de abrir a janela e contemplar o quadro: — Corriam uns atrás dos outros, batiam-se, beijavam-se, lambiam-se, fugiam em movimentos de loucura nunca vista! — Um polícia repreendia-os a medo, pois eram muitos, e aconselhava-os a deixarem o largo onde incomodavam toda a gente que dormia àquela hora matutina. O agente da autoridade retirou-se e eles continuaram, até querer, um

Segue na QUARTA página



A nossa Tipografia de Paço de Sousa comemora 21 anos



VER REPORTAGEM GRÁFICA NA TERCEIRA PAGINA

Aqui Lisboa

Por Paulo VI

«... Se dum lado se permite e se torna obrigatório promover o progresso social dentro das requeridas formas, aspirando a equitativas adaptações económicas, também, por outro, se torna indispensável observar rigorosamente as prescrições legais que precisam e protegem a propriedade dos bens económicos, assim como a produção e distribuição destes.

«A sociedade em que não se respeita a legalidade económica é uma sociedade decadente, e enfraquece o pilar onde assenta. Quanto mais se desejar o bem-estar económico e quanto mais

este se espalhar, mais rigorosa e espontânea deve ser a observância dos dois mandamentos acima mencionados. Esta observância devia ser reforçada na educação popular e pessoal; a sua fácil violação talvez antes tivesse alguma desculpa, em condições económicas gerais mais difíceis; hoje, porém, deve suscitar a maior reprobção em toda a gente.

«A honestidade é uma regra necessária à ordem social; quem a viola não só peca contra o que directamente fica prejudicado nos seus haveres, mas também contra a comunidade inteira, pois abala a confiança social, que

é a base indispensável da comunidade civil, e da honrabilidade e eficiência desta.

«Temos, portanto, de recomendar a todos, e especialmente aos nossos fiéis, as virtudes adequadas a uma situação económica em vias de desenvolvimento, como a nossa, e estreitamente ligada à elevação social do nosso povo.

«Sobre o assunto recolhemos simplesmente as indicações que nos dá a opinião pública: queremos administradores íntegros; infelizmente ouvimos falar muitas vezes

SEGUE NA SEGUNDA PAGINA

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

VINDIMAS — Estão próximas e, como é lógico, tudo e todos esperam o trabalho com a maior alegria.

Uns a apanhar bagos, outros nas escadas — e toca a vindimar: tanto para o cesto, como para a barriga, porque isto é que não podia deixar de ser! Mas o que conta na verdade é a alegria. É um prazer que sentimos, vindimar!

São chamados rapazes das oficinas, enfim de qualquer secção da nossa Aldeia e todos correm.

FUTEBOL — Já há muito que não damos notícias sobre a nossa época de Desporto-rei!

Como não podia deixar de ser, temos ganho e **comido**, até mesmo daqueles que custam a engolir! Agora temos uma equipa fraca, mas qualquer dia ainda vamos ao

«Mundial»... No entanto tomo algumas palavras de Pai Américo: «Se o nosso onze soubesse estar caladinho quando ganha e caladinho quando perde, ganhava sempre».

É sem dúvida uma das grandes verdades que escreveu!

Aniversário da TIPOGRAFIA — Festejámos no dia 17 do corrente 21 anos de existência.

Um dia de alegria para todos; em especial para os tipógrafos.

Como muitos leitores nos têm visitado, conhecem a nossa Oficina, que está bem apetrechada, e uma vantagem indispensável: muito ar e muita luz.

Também sou tipógrafo - compositor. Gosto muito da profissão. E já estou a aprender a trabalhar com a «Monotype», pois foi a que me despertou mais interesse.

Comemorámos 21 anos e muitos mais se comemorarão.

E sempre em progresso, como não poderia deixar de ser — porque é uma Escola Gráfica.

Manuel dos Santos

x

AZURARA

Os «Baçatas» estiveram cá na segunda quinzena, chuvosa, pálida e relampejante de Agosto. No entanto um gol quentinho beijou, num ou noutro dia, os seus corpitos, alguns deles com feridas e espinhas, e muito contribuiu para que elas se sarassem. Não totalmente, porque o «Galego» e o «Brazinha» (que dois!) ainda lá ficaram mais um tempo de um turno.

Mas quem não conhece os «Baçatas»?!

Eles são como as avezinhas saltitando de ramo em ramo nas árvores, buscando o galhinho de mais aconchego. Assim são eles procurando um cantinho onde haja muitas latas e garrafas de plástico vazias ou então a areia molhada onde abrem covas com as mãozitas a armar ratoeiras. Dentro delas enfiam picos do monte e a boca do buraco tapam-na com paus, papeis e areia. «Pronto, já está. Vamos ver quem é o lorpa a cair». Mas... «Não pá, ainda não. Falta deitar areia seca para disfarçar. Não vês que eles desconfiam?» Dado o último retoque vão tentar os «amigos» a jogar ao bate-fica. Momentos passados inundam de gargalhadas o ar pois um incauto ficou lá mesmo com a perna. «Sois muito espartinhos mas para a próxima... Olha!» E o aviso fica feito com os punhos fechados...

À mesa bebem o vapor quente da sopa com refilices. O «Jójó», um dos mais pequeninos, é o primeiro a dar à língua: «Támem minha Sora, em Pat,ousa comemo boa e aqui outa bê boa. Olhe, n, há cá sêma?» Havia sêma mas não se lha deu. Fez-se migas de boroa e sopa na malga e ele comeu tudo. No fim o «Jójó» pediu mais sopinhas com a nossa boroa...

À noite, o regimento de quinze soldadinhos lá repousar da campanha que fizera durante o dia. Mas qual dormir qual carapuça.

Luta! O «Safanete» e o «Capitão» o «Toninho» e o «Brazinha»... E para activar os ânimos, o «Jójó», (novamente ele) arranca da vassoura um palito de piassaba e zás: toca a fazer cocoguinhas no nariz do parceiro... Claro, ninguém se entende. O aproximar da senhora ou do chefe é que é o cabo dos trabalhos; mas também não é problema, pois antes que alguém lá chegue, já eles correram nas pontas dos pés para a cama e quando se entra na camarata já toda a gente ressoa (o que não é costume), fingindo que está a dormir... Isto só por eles!

Mas todo o vivo e o autêntico dos seus jogos e brincadeiras assemelham-se, depois, ao cair embalado das folhas policromas que se despegam das árvores no Outono. A furgoneta (essa maldita!) aproximou-se e não tardou que os engolisse inteiros-vivos. Era a carrinha que os havia de conduzir a Paço de Sousa e que acabava de trazer os mais velhos.

Estes são diferentes. Preferem a «sombra» ao sol. Ora isso é normal, não é ó Arménio? Claro!...

Enquanto nuns domina a vontade de «caçar», outros não trocam, por nada, o prazer de uma soneca! Todavia, calcando o areal sujo da praia, um vulto profundo, rico e dolorosamente solitário, caminha de cabeça e coluna vergadas à procura de qualquer coisa. De quê? De uns pauzinhos lambidos pela imensidão salgada. É lixo que para as pessoas nada vale, mas que em frente dos olhos de artista do Neca são vistosas esculturas, lembrando personagens de Picasso, Dali ou de desconhecidas etnias africanas. O Neca já tem muitos pauzinhos para colocar mais tarde na estante do seu museu. Só é pena que ainda não tenha aparecido nenhum que se parecesse com a cara de Tin-Tin!!!...

Álvaro

TOJAL

NOVA ALDEIA — A inauguração da nossa casa-mãe está prevista para o dia 23 de Outubro, aniversário do nascimento de Pai Américo. Será um dia bastante significativo. Neste momento já podem apreciar-se as divisões do edifício completamente acabadas e com apetrechos. Chegaram os copos de vidro aqui pedidos e de vários lados, de pessoas nossas conhecidas e amigas.

ELEIÇÕES — O Xico Zé mais o Victor, respectivamente chefe e sub-chefe, vão ser incorporados brevemente. Por isso o Sr. Padre Luís mandou proceder a eleições livres. Todos os que têm o exame da instrução primária e mais de

um ano de casa podiam votar. Os elegíveis teriam para cima de 17 anos, para chefe, e de 16, para sub-chefe. O «Pastor» foi eleito maior, com 70% dos votos ao 2.º escrutínio, e, também, o mais votado no primeiro. A eleição do sub-chefe realizou-se somente num escrutínio, e cerca de 30% dos eleitores entenderam que o Zé Manel seria o mais indicado para desempenhar essas funções. Por enquanto não tomaram posse do cargo. Tentarão pôr-se a par de tudo aquilo que faz parte da vida e função do chefe. Entretanto, os rapazes desejam aos futuros chefes que o Senhor os ajude e os acompanhe na difícil tarefa e que saibam servir fielmente como o Xico e o Victor, a quem aplaudimos pela boa ordem que impuseram nesta Casa ao longo de 4 anos.

Mário

Presença da Igreja

Cont. da PRIMEIRA página

A Igreja hierárquica já fez e vai-se mentalizando na realização progressiva da escolha que fez: «Estamos dispostos para novas renúncias. Não desejamos o poder económico, não queremos o poder social nem o político. Na vida de Espanha, queremos ser, somente, fermento espiritual da sociedade, permanecendo fieis cumpridores do Evangelho».

A Igreja é Mãe! Mãe de todos; para todos. Quem, como Ela, não há-de sentir o espinho de um filho na opulência ao lado de outro filho das suas entranhas na miséria?! Qual das duas misérias agoniará mais o seu coração de Mãe: a fome de um?; ou a dureza de coração do outro?

Por isso Ela geme e deseja ser ouvida e correspondida ao seu gemido: «É um escândalo para a Humanidade que alguns homens e alguns países disfrutem da opulência, enquanto outros homens e outros povos se vêem privados do necessário à vida e vivem atormentados pela fome, pela doença e toda a espécie de miséria».

LOURENÇO MARQUES

Não temos mãos a medir, para tantos rapazes que nos batem à porta. Ou, antes, não há medidas que conttenham todos os que precisam, porque também não as há para os que provocam a miséria. «Sabe, o mal não é só daqui. Em todo o mundo é o mesmo». Ontem foram dois, no domingo um, no sábado outro e por aí fora. Sem poder valer-lhes, como havemos de suportar a nossa incapacidade e a angústia de quem nos procura? Há quem pense que gastamos dinheiro a mais nas construções que já fizemos. Para essas pessoas,

«até barracas de caniço servem». Entendamo-nos: para essas pessoas não; para os nossos rapazes, que vêm do mundo onde tudo lhes é negado!

Temos na Aldeia uma casa de paredes ao alto. Há meses que os pedreiros a deixaram, para termos agora as escolas prontas. Já cresceu erva por entre as pedras do chão. Corro os olhos pelas paredes e subo-os ao Céu. Um azul sem nada, que se transforma, de repente, num «écran» da minha imaginação. Vejo aquela casa cheia de rapazes; vejo-os aos grupos a jogar, a ler, a brincar, a dormir tranquilos, depois de um dia de trabalho. Saio a porta cabisbaixo e olho o capim à roda. Quando estarão ali mais cinco iguais a esta? Quando estará, mais além, a casa-mãe? Oiço o cozinheiro a cantar, enquanto prepara o refogado; oiço já as refeições barulhentas e fartas, o barulho das panelas e da loiça na copa e uma revoada de miúdos a correr no campo atrás da bola.

Olho outra vez o Céu. Onde irá Deus buscar mil e trezentos contos para a casa-mãe? E outros tantos para os seis dormitórios? Quanto Lhe custarão as oficinas a fazer mais além? Ainda ontem, no «Diário»: «Sabe que não há impressores? Na cidade há máquinas paradas. Há dias, numa reunião, decidiu-se propôr a criação de uma escola...» Não-de passar anos e abandonados por esse Moçambique fora, à espera que cresçam as paredes da Casa do Gaiato! E tantas «máquinas» paradas...

Padre Zé Maria

Agu Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

de graves desordens administrativas, de venalidade nas funções públicas e de negócios no exercício dos cargos públicos. Isso aflige-nos profundamente, como cidadãos e também como católicos. Gostaríamos de poder louvar sempre aqueles que exercem funções políticas, administrativas ou disciplinares, uma honestidade escrupulosa e exemplar; também gostaríamos que o funcionamento da nossa vida social fosse sempre caracterizado pelo desinteresse e fiel respeito pela lei. A fraude comercial e fiscal, o contrabando, o desvio dos bens públicos, as luvas, o roubo e sobretudo a falta de palavra deveriam ser considerados

por todos como males que desonram uma sociedade civilizada e fundada ainda em princípios cristãos. Toda a gente os deveria rejeitar e banir.

«Existem ainda outros males característicos duma sociedade opulenta, como sejam as operações de bolsa em detrimento de outrem, os jogos de azar, o luxo excessivo... Não temos competência para falar dessas coisas, mas temo-la para deplorar os deletérios efeitos morais e sociais de tais abusos da riqueza.»

(Carta Pastoral de Quaresma do então Arcebispo de Milão (24 de Fevereiro de 1963))

Visado pela Comissão de Censura

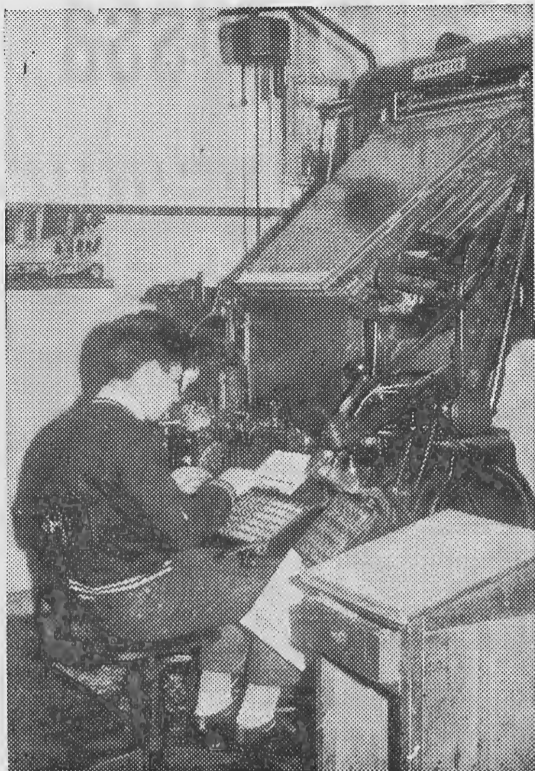
Gaiato

A nossa Tipografia de Paço de Sousa faz 21 anos. É dia de festa! Por isso, quisemos todos, grãficamente, assinalar o acontecimento. E se pudéssemos cumprir a ideia do nosso Padre Carlos? Esta edição seria quase só por conta do aniversário!... Não se perderia nada, é certo, pois daqui sai o pequenino revolucionário desde o número 145 — 17 de Setembro de 1949.

As imagens que ilustram a página são do nosso dia a dia. Ainda agora percorri os quatro cantos da oficina, e cada um dos presentes; não esquecendo os ausentes em férias — e o numeroso grupo dos que se emanciparam ao longo do tempo e aqui se fizeram Homens. Eles e o «Famoso» são a razão de ser da Tipografia.

Na secção de Impressão estão Zé Manuel e Seixas, manipulando duas máquinas — com seriedade e aproveitamento. Aquele tem 15; este 16 anos. Ao lado, Quim Oliveira — o irmão mais velho — cuida da portentosa máquina do Jornal, com a ajuda do «Vádio». Só este moço, de 12 anos, pelos benefícios colhidos com a ajuda dos colegas — valia a Tipografia. Era um cleptómano. Vivo. Perspicaz. Inteligente. Um dia, Manuel António — chefe maior e linotipista — lembrou-se de trazê-lo para junto de si. E ocupá-lo mais de perto. As motivações aliviaram — pelo trabalho. Depois passou às mãos de Quim Oliveira — com o mesmo interesse e amor. Estive agora mesmo ao pé dele, como faço muitas vezes. Preguei-lhe uma ferradela. Retribuiu com um sorriso, que transpareceu da face e iluminou os olhos vivos, laiscantes.

— Não és meu amigo...!
— Sôoo amicu, sôoo...
É o «Vádio»!



Enquanto Jorge e José Augusto compõem na «Intertype» e na «Monotype», Adriano tira provas no prelo, para revisão.

A NOSSA TIPOGRAFIA

Por
JÚLIO MENDES

comemora 21 anos

Um salto à Composição. Está Zé Pereira na «Intertype». E cara de poucos amigos! — «Preciso de original!...» Ao lado é «Vila Real», que opera na «Monotype». E, frente aos cavaletes, de componedores na mão, «Zé Carioca» e Jorge.

Na encadernação pontifica transitóriamente «Zip-Zip». O moço desdobra em si — com seriedade — o trabalho de três, coadjuvado por Veiga, incapacitado das pernas, que um dia será mesmo capaz de fazer girar outras unidades da secção, da máquina de dobrar à própria guilhotina. Hoje foi a vez da máquina de picotar. «Zip-Zip» pega-lhe num ombro, eu noutro. Erguemos Veiga para cima dum caixote velho. «Temos d'arranjar um banco próprio, à altura da mesa, com um poiso prós pés!» — opina «Zip-Zip». Vamos pedi-lo à carpintaria, confirmo. Veiga sorri. E lá fica alapado no fundo do caixote, trabalhando com destreza, enquanto o colega vira costas para dobrar os últimos exemplares da edição do «Famoso».

No escritório central — que serve Tipografia e Jornal — é o rancho do costume, lançado com unhas e dentes na expedição de «O Gaiato». «Picoto» na máquina d'endereço, com Raúl por ajudante. «Meno» e Manuel no empacotamento. E «Eusébio» — perito de embalagem — virado aos pacotes de trabalhos tipográficos. Mais adiante, Avelino regista novos assinantes. «Esta quinzena são bastantes!» — berra de lá. «E não anda longe dos 100», acrescenta. A Campanha de Assinaturas também está em festa. Ela nasceu por amor do «Famoso», sim — mas por causa da Tipografia.

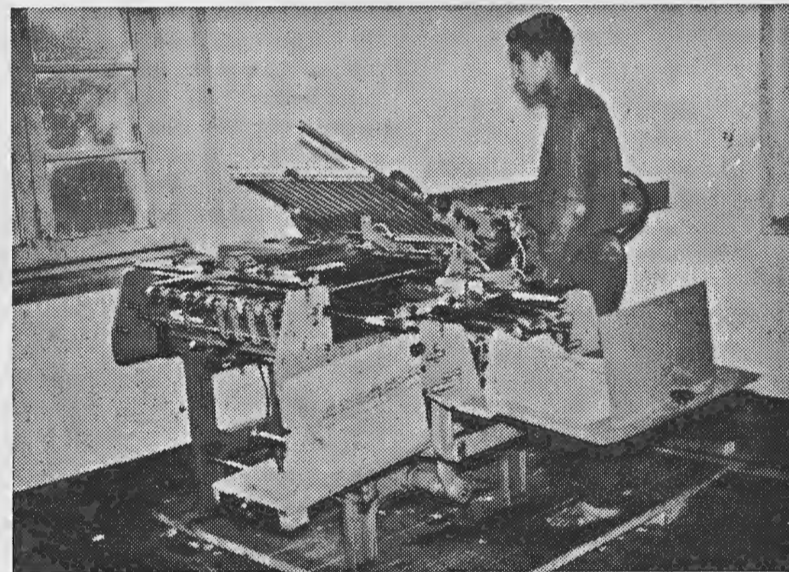
Com os nossos olhos em cada um dos que são ou passaram por estas telhas, assinalamos melhor a data!

Ainda não sabemos como será o programa d'aniversário. Mas quando toca a festa, não faltam opiniões!

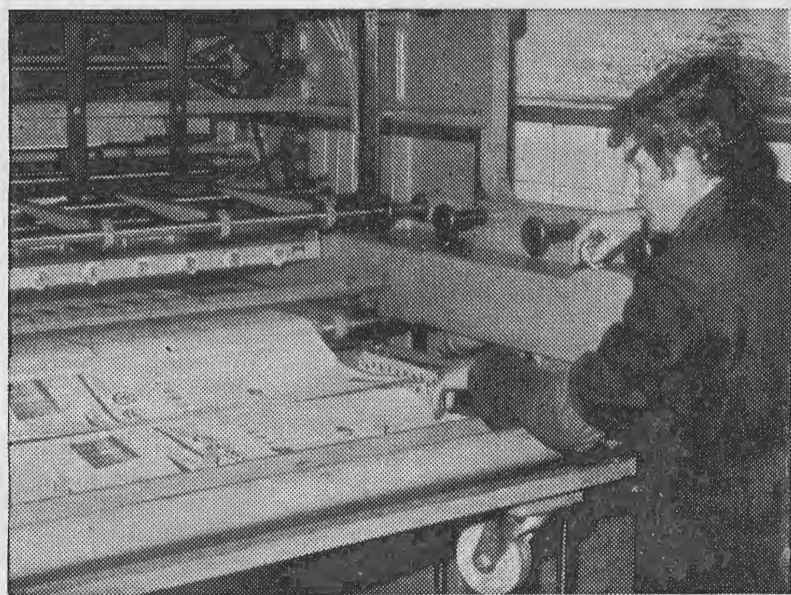
x x x

Como val longe o tempo da Procissão para a montagem da Oficina! Presença riquíssimas d'amizade — e desprendimento! Sim, o leitor tem aqui o seu lugar. A festa também é vossa!

E a renovação periódica d'unidades de produção — para actualizada formação tecnológica? Começamos tão deficientemente! E onde já



Ao alto, «Matateu» domina a máquina de dobrar o «Famoso». Em baixo, temos uma experiência: «Ganhão» compete com «Herrera» — na máquina d'endereço! Por isso, que assinante teria sido desfalcado do Jornal?!...



Em cima:

Quim

Oliveira

atento

à impressão

do «Famoso».

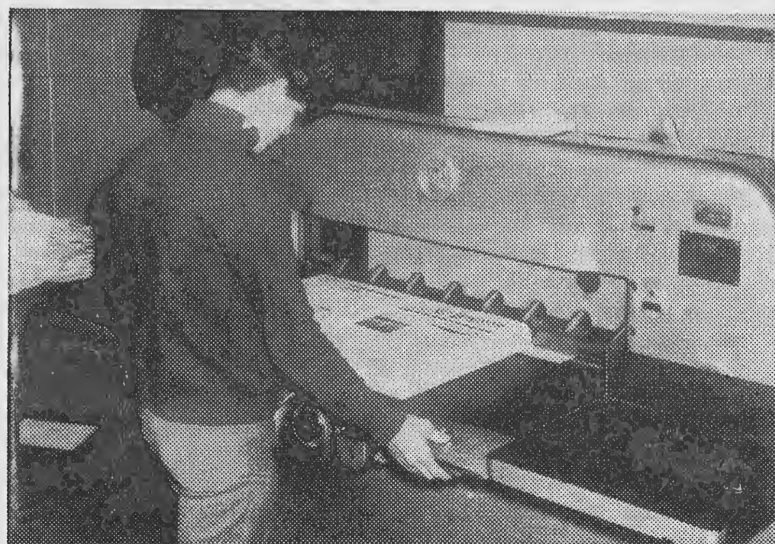
Em baixo:

Asdrúbal

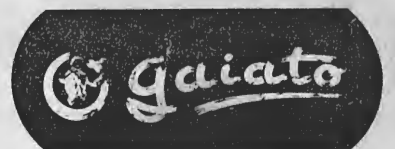
— mãos

seguras

à guilhotina.



SEGUE NA PÁGINA QUATRO



Cantinho

DOS RAPAZES

«Zé Padeiro» deixou-nos ontem. Não foi surpresa. Na véspera falámos longamente da saída «que projectas para amanhã». E o projecto, realizou-o tal qual.

De há meses que era do seu estilo pôr-me cartas sobre a secretária, geralmente reafirmando a sua amizade e os seus propósitos de uma vida mais direita. Assim fôsse do seu estilo a eficácia na acção...!

Não resisto a dar-vos conhecimento da última missiva, escrita a vermelho e azul, metódica — a dizer que capacidade não é o que lhe falta.

«Paço de Sousa, 28/8/70

Querido e bom amigo Padre Carlos.

1.º

Como sabe a minha mãe casou com 14 anos e o meu pai com 19.

2.º

Mais tarde nasci eu e a minha mãe abandonou-me e eu fiquei com o meu pai.

3.º

Mais tarde o meu pai juntou-se com outra mulher e a cena repetiu-se igual.

4.º

Quer dizer, fiquei eu e outro irmão e o meu pai.

Como o meu pai não podia andar com dois filhos, pôs-me na Casa do Galato onde fui criado e educado durante 8 anos.

5.º

Passados oito anos o meu pai escreveu-me uma carta a dizer: «Vou-te visitar no dia 12 de Maio». Foi a minha maior alegria.

6.º

Está agora com uma mulher de 19 anos.

7.º

Parece-me que corre tudo bem, pelo menos eu reparei nisso.

8.º

Agora queria que me deixasse ir para minha casa para ajudar o meu pai e os meus irmãos.

9.º

Ajudar o meu irmão que vai agora para a escola.

10.º

A minha família não sabe ler nem escrever.

11.º

Ajudar o meu pai a ser cristão e ensinar a rezar e a ir à missa aos domingos.

12.º

Vou com esta intenção:

nunca mais esquecerei a Casa do Galato que me criou e me educou, e de vez em quando vir fazer uma visita à minha Casa Paterna.

13.º

Eu acho que o Sr. é mais meu pai do que o meu pai próprio, mas isso não quer dizer que não perdôe a meu pai.

14.º

Devo perdoar e voltar a casa dele.

15.º

Receba beijinhos deste seu «filho» José Manuel, ou seja, «Zé Padeiro».

16.º

Agora para terminar queria dizer para me escrever uma carta a respeito disto, ou seja, «sim ou não».

17.º

Adeus até à volta do correio.

18.º

Fique com Deus.

Adeus

José Manuel Miranda dos Santos».

A minha resposta não podia ser senão denunciar a núvem de ilusões por que «Zé Padeiro» se deixou envolver.

Primeiro, as desgraçadas consequências de uma vida começada cedo de mais... Todo o drama de «Zé Padeiro» principia no casamento dos pais, tinham eles 19 e 14 anos. Frutos arrancados em verde... Resultado?... «Eu nasci, a minha mãe abandonou-me e eu fiquei com o meu pai».

A confirmar a imaturidade deste, não tardou que «se juntassem com outra mulher e a cena repetiu-se igual». «Quer dizer, fiquei eu e outro irmão...», outro desgraçado que anda por lá na vadiagem e que o «Zé Padeiro» se propõe ir ajudar.

Segundo, o facto do pai se ter libertado dele aos oito anos e nunca mais ter tido a lembrança de uma visita ou de uma simples carta ou postal ao longo de outros oito. Como?, porquê?, para quê? — ele ressuscitou a memória, agora que o Zé tem 16 anos, exame feito, capacidade para ganhar uns escudos... Pus a pergunta. Não tive resposta.

Terceiro, a romanesca intenção de ir regenerar o pai, a mulher que com ele vive (pouco mais velha que o próprio Zé), os irmãos... Sim, porque eles «não sabem ler nem escrever», «nem rezar» e vivem numa barraca, no meio de muitas outras que emolduram Lisboa, quando não ficam todos no barquito a remos, ferramenta com que o pai ganha a vida no rio, pescando.

No regresso da sua recente iua até lá, o próprio Zé me contou o bárbaro daquele viver, todos à mistura, levantando um trapo, para se despirem os mais velhos à parte dos mais novos; com uma linguagem por ali em volta que o

chocou, desde crianças pequeninas aos velhos — tudo panoramas que eu bem conheço de vista naquela zona ribeirinha de Sacavém.

Pois é neste meio decaído que o nosso D. Quixote se propõe ir «ajudar a ser cristão», ir promover, «agora que o meu irmão vai para a escola e a minha família não sabe ler nem escrever».

Denunciei sobretudo a mentira com que ele se enganou por estas ideias de uma ida messiânica, quando a verdade, a única verdade que o atraiu e o levou, é a ância de liberdade e um trágico chamamento do sangue, que oxalá o não conduza a «repetir cena igual» à do pai e da mãe, frutos arrancados em verde, que jamais amadurecerão.

Ao lado deste caminho, onde ele será devorado por uma massa imensa de miséria, para a qual é tão difícil ser fermento, abri-lhe o horizonte de uma vida mais sã. Para já a Telescola e a iniciação profissional. Mais tarde, um lar oportunamente construído, conscientemente preparado, do qual e pelo qual, ele pudesse chamar à razão os seus pais e os seus irmãos, liberto ele mesmo de uma sorte igual à deles...

«Zé Padeiro» tem capacidade como esta sua carta prova. Porém a sua cegueira, provocada e alimentada por um pai que oito anos esteve morto e ressuscitou para a desgraça dele, não lhe permitiu a graça do surdo tartamudo de que nos falava o Evangelho de ontem: Não ouviu e não falou.

E começou a tecer o seu destino — o destino que a ninguém acontece, mas que cada um faz.

Campanha de assinaturas

Hoje temos de ser ainda mais breves. E por mor do aniversário da Tipografia. Pelo que a Campanha de assinaturas também está em festa!

Das presenças ao longo da quinzena respigamos uma, de muita valia. Aqui está:

«Tenho uma amiga que emigrou para a França com o marido. Há um tempo mandei-lhe uns jornais vossos, pedindo-lhe que, se entendesse, (o sublinhado é nosso) se fizesse assinante e tentasse arranjar alguns entre os portugueses que vivem na cidade em que ela está.

«Como resposta veio agora esta

pequena lista. Trouxe-a ela, uma vez que veio passar férias a Portugal. As importâncias indicadas serão enviadas anualmente. Eu mando já hoje o total para todas as assinaturas, por um ano. Peço o favor de começarem a enviar os jornais para as moradas indicadas.»

São quatro de Montereau e um de Montmachoux. Mas que estupendo trabalho! E se outras e outros fizessem na mesma — pelo mesmo processo, isto é, pôr o problema, que o resto Deus dirá?

Agora, é a bicha, com fornadas de Lisboa e Porto. Mais um de Fân-

zeres, que «não sabia como fazer para receber o Jornal, mas pedi um e já me orientei por ele». Ora aqui está! Mais Coimbra, E Barreiro, Carcavelos, Braga, Viseu, Seia, e Gaia.

Finalmente, mais gente de Lourenço Marques e de Santa Comba — Angola.

Mais 300 e ficaremos em 2.000 novas presenças! Não falta muito. E, quando lá chegarmos, àquele número, será a vossa melhor prenda d'anos para a Tipografia. Vamos ganhar ainda mais força e coragem? O «Famoso» também é vosso — por devoção!

Júlio Mendes

A nossa Tipografia comemora 21 anos

Cont. da TERCEIRA página

vamos, melhor, onde poderíamos estar!! O certo é que jogamos só com prata da casa... Fomos a primeira Oficina da Obra a dar o grito do Ipiranga. Agora, temos esperança em melhores dias. Temos esperanças.

Já passaram pela Tipografia mais de 150 rapazes, ao longo dos 21 anos. Não resistimos mesmo a passar uma vista de olhos pelo registo de presenças. Desde o Daniel (lembrem-se do «Corre?»), o Cândido (lembrem-se do «Valete?»), o Zé Adolfo (lembrem-se do «Fabião?»), até aos das últimas gerações. Passam todos pela minha mente. É a nossa festa! Abraçamos todos, todos — como carne da nossa carne. A Oficina é nossa! E será tanto melhor Escola, quanto melhores formos ou quisermos ser. Sobre tudo os mais aptos, com funções pedagógicas, tecnológicas ou de gestão. Aqueles que — por expressa vontade — se enamoraram dos seus irmãos. E ficaram. E se renunciaram. E desdobram ou hão-de desdobrar a sua paternidade. Fazer Homens é o nosso lema. Homens pelo Trabalho. E, atendendo ao nosso condicionalismo, quanto possível pelos métodos mais racionais, mais práticos e eficientes. Segundo os tecnocratas vivemos uma

época que é uma encruzilhada da História. Apesar de pequeninos — e porque pequeninos — não podemos, nem devemos estancar. Está em nossas mãos o futuro de muitos dos nossos irmãos!

Júlio Mendes



Cont. da PRIMEIRA página

pouco mais disfarçadamente. Tive a sensação de me encontrar num outro mundo onde o deserto e a segura tinham roubado aos homens o gosto da vida. Aquelas gargalhadas e toda aquela loucura ecoavam na minha alma, como gritos lancinantes de alguém que se encontra perdido e se quer iludir a si mesmo narcotizando-se num barulho de aparência infinitamente frustrada.

Apeteceu-me rebentar diante deles e mostrar-lhes à evidência que o homem só é feliz quando ama e se acha amado. Contar-lhes os milhares de casar de que a minha vida é testemunha. Falar-lhes dos meus cento e quarenta e da sua sede enorme de terem cuidados femininos, e a presença amiga de uma mulher que seja sempre mãe!

Eu tenho tanta necessidade de uma Senhora. Uma mulher que queira ser mãe! Que se queira dar. Que não busque compensações, mas que venha ser compensação! A Senhora D. Celeste deixou-nos. Foi a doença, foi a idade, foi a im-preparação. Deu-nos durante três anos muito de si mas deixou-nos sem ninguém que ocupe o seu lugar.

Quem quer ser a «mulher forte que pensa na lã e no linho, no frio e na chuva, na saúde e na doença», no equilíbrio e no desequilíbrio de todos os que vivem nesta Casa? Um lugar de mãe de família — oferece-se. Um trono de Rainha — oferece-se! Quem pretende?

É necessário deixar barca e reces! É necessário desinstalar-se! É necessário confiar — e o fruto vem: Uma maternidade sem limites! Todos os momentos da vida sugados com uma avidez enorme!

Em Setúbal, temos conhecidas várias Senhoras. Uma é Mãe no Lar. Em Casa, duas são professoras. A Senhora D. Cecília acompanha, como Mãe, uma professora e dá-se totalmente a todos! Precisamos de uma Mãe para Casa.

Padre Acllio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE